

Famílias resistem em sair das casas

Mesmo com o preocupante diagnóstico da Defesa Civil, as famílias resistem em deixar as casas. Preferem conviver com o medo a serem obrigadas a se mudar para outro lugar. Elas alegam não ter para onde ir, nem dinheiro para pagar aluguel ou construir uma nova casa. "São pessoas muito carentes, que precisam de assistência social do governo", diz o chefe do Núcleo de Vistorias da Defesa Civil, major Toni Monteiro Belinho.

Este ano, 220 famílias foram retiradas de áreas de risco e receberam ajuda oficial para recomeçar a vida em outro local. O governo conseguiu erradicar toda uma região perigosa — retirou 146 famílias da Fercal e as transferiu para casas populares

na expansão de Samambaia. Os antigos moradores da Chácara Pantanal também foram levados para o local. "Se a Defesa Civil indica que a pessoa tem que sair, o estado não pode deixar ela decidir por conta própria. O valor de uma morte é imensurável", afirma a secretária de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda do DF, Eliana Pedrosa.

A secretaria é responsável por dar assistência social às famílias notificadas pela Defesa Civil. Enquanto não encontra uma área definitiva, o governo oferece dois auxílios: acomoda o morador em um dos abrigos públicos do DF ou dá um auxílio emergencial em dinheiro que ajuda a pagar o aluguel por três meses. Além disso, ajuda com a mudança, com a alimen-

tação e com a transferência escolar das crianças.

Mesmo assim, o processo de mudança é traumático para as famílias. Os moradores transferidos da Fercal para a Samambaia, por exemplo, não gostaram das novas casas, que têm apenas um cômodo e o banheiro. Além disso, alegaram que a Samambaia fica muito longe de Sobradinho, onde a maioria deles tinha emprego. "A pessoa é ligada afetivamente, faz laços naquele local. Isso é normal. O governo entrega casas simples, mas que, com o tempo, podem ser aumentadas pelos moradores", justifica Pedrosa.

O receio de deixar suas casas é tão grande que faz alguns moradores enganarem a si próprios. A Vila Madureira, que fica

abaixo da QNP 28, no P Sul, é considerada de risco pela Defesa Civil. Mas alguns moradores da região insistem em dizer que o local é seguro. "Essa parte aqui é mais difícil de esbarrancar. O perigo está do outro lado", diz Ana Cláudia Nascimento Nunes, 38 anos, que mora em frente à erosão onde há uma placa de perigo colocada pela Defesa Civil. A cerca do lote de Glauciele Rodrigues Farias, 19 anos, chegou a despencar no buraco, que está a 20 metros da casa dela. Mesmo assim, ela diz não ter medo. "A enxurrada fica lá embaixo, longe daqui. Não acho que estou em perigo." (GR)

LEIA MAIS SOBRE CHUVAS NA

PÁGINA 16

